



**CARTOGRAFIA AUDIOVISUAL:
DESLOCAMENTOS POSSÍVEIS NUM MAR DO MEIO DA TERRA**

**AUDIOVISUAL CARTOGRAPHY:
POSSIBLE DISPLACEMENTS ON A SEA IN THE MIDDLE OF THE EARTH**

Karla Brunetⁱ - UFBA

Flora Beneditoⁱⁱ - UFBA

RESUMO

O desejo de mapear, de registrar e de experimentar num mar desconhecido são apresentados neste artigo como forma de discutir a intersecção entre arte, cartografia e audiovisual. O artigo traz embasamentos sobre território, lugar e fronteiras no cinema expandido apresentando possibilidades de uma cartografia audiovisual. Analisando a obra **Deslocamentos Possíveis**, questões de gênero, migrações, mudanças climáticas, lixo e grandes edificações portuárias são apresentadas. Desta forma, o navegar pelo Mar Mediterrâneo através dos vídeos, dados, vozes e sons cria uma narrativa cartográfica audiovisual para sentir este mar de experiências.

PALAVRAS-CHAVE

Cartografia; Audiovisual; Mar Mediterrâneo; Experiência; Ciência Cidadão

ABSTRACT

*This paper presents the desire to map, to register and to experience in an unknown sea as a way of discussing the intersection between art, cartography and audiovisual. The article brings basics on territory, place, and borders in expanded cinema, presenting possibilities of an audiovisual cartography. Analyzing the artwork **Possible Displacements**, we bring up gender, migrations, climate change, garbage, and large ports issues. In this way, navigating the Mediterranean Sea through videos, data, voices, and sounds creates an audiovisual cartographic narrative to feel this sea of experiences.*

KEYWORDS

Cartography. Audio-visual. Mediterranean Sea. Experience. Citizen Science

Arte e mapa

Algumas pessoas são movidas por um desejo intrínseco de mapear, de visualizar espaços, de representar territórios. Os mapas são parte de nossa civilização há

ⁱ Professora do programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Bahia, (UFBA). Mestre em Artes e Doutora em Comunicação Audiovisual. E-mail: karlab@ufba.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0908-2546>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/6751479327092804>

ⁱⁱ Graduanda Bacharel em Artes pelo IHAC/UFBA. E-mail: florabenedito123@gmail.com Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/8809493441752505>



séculos, servindo como ferramentas essenciais para navegação, investigação, delimitação e compreensão do mundo ao nosso redor. Ao mesmo tempo, a arte tem sido um meio fundamental de expressão, criatividade e representação cultural. Embora aparentemente distintos, os campos da arte e da cartografia frequentemente se cruzam, apresentando interações que enriquecem ambos os campos. Este artigo apresenta a relação entre arte, mapa e audiovisual, explorando como eles se complementam e contribuem para nossa compreensão e questionamento do mundo.

Os mapas, como criações artísticas, incorporam uma mistura de forma e subjetividade, a informação já não é o foco. Um mapa artístico não precisa nos levar a algum lugar ou nos mostrar onde estamos, um mapa artístico nos fala de sensações, sentimentos e questionamentos. Segundo HARMON (2004), estes mapas não mostram como chegar do ponto A ao B, mas sim são “um veículo para a imaginação, abastecidos e prontos para ir”.

No decorrer da arte, vemos artistas criarem mapas baseados numa geografia pessoal, em indagações e/ou numa imaginação de um possível lugar. Um exemplo clássico é o mapa de ponta-cabeça de Joaquim Torres-Garcia, onde o artista apresentava a “Escuela del Sur”, falando de uma necessidade da América Latina de traçar.

A “Escuela del Sur” proposta por Torres Garcia sugere que a América Latina inverta a posição de dependência, valorize seu legado, resgatando a arte indígena com sua geometria, entretanto estabelecendo um diálogo entre uma arte construtiva que harmonizasse com as leis universais e com o saber de todos os tempos históricos. (Costa, 2011)

O mapa, neste caso, é um veículo para este chamado de repensarmos nosso lugar nas Américas, no mundo. A geografia experimental proposta por Trevo Paglen (2008) também é uma forma de trabalhar artisticamente a produção de espaço, de forma autorreflexiva e tendo a experimentação do espaço como meio desta produção.

Um audiovisual expandido

O termo *expanded cinema*, mencionado por Youngblood (2007) discute o que vai além dos limites tradicionais do cinema convencional. Também se discute onde a natureza se enquadra em tempos que somos mais influenciados pelo cinema e televisão do



que pela natureza em si? Youngblood (2007, p. 346) discorre que são necessários artistas ecológicos, pois “descobrimos que a ecologia é arte no sentido mais fundamental e pragmático, expandindo nossa apreensão da realidade”. Ou seja, a ecologia é definida como o padrão de relações entre organismos e seu ambiente, assim como a arte envolve a interação do ambiente e organismo (espectador). O autor entende que a resposta está na definição de arte de Duchamp, que antecipou a atual simbiose entre artista e ecologista, "definida pelo contexto e completada pela resposta do espectador"(Younglood, 2007, p. 347).

Isso torna o cinema popular importante, pois lida com questões políticas, visto que a partir do momento em que o audiovisual se tornou nosso “ambiente”, passou a cumprir o serviço de carregar mensagens do organismo social. De acordo com Youngblood (2007, p. 54), “ele estabelece significado na vida, cria canais mediadores entre homem e homem, homem e sociedade”. O *expanded cinema* proposto por Younglood é uma abordagem mais ampla e experimental do cinema, incluindo formas de arte que se estendem além da tela do cinema. Envolve a incorporação de tecnologias interativas, performance ao vivo, projeções múltiplas, instalações multimídia e outras formas de experimentação visual e sonora. Portanto, aqui propomos um audiovisual expandido, como paralelo ao cinema expandido.

Este audiovisual expandido vai além do formato de apresentação, fala também de uma forma expandida de criação, de pensar um “Cinema além das fronteiras” como o proposto por Wim Wenders. O cineasta explica que vendo filmes de locais remotos e longínquos, se deparou com um “sentido de lugar” que trazia a cultura, a língua nativa, as “cores” locais propriamente ditas para aquelas obras audiovisuais, e como isso o conquistou. O autor critica o cinema comercial que se passa em terra de ninguém, que apresenta produtos genéricos que não detém uma carga significativa de uma cultura específica. Wenders declara: “espero do cinema que ele me conte e me mostre como as pessoas vivem num lugar específico. Quero ver histórias que são conduzidas pelas experiências!” (2013, p. 55). O autor se considera um viajante que busca explorar territórios estrangeiros no qual “o sentido de lugar é antes uma noção de descoberta” (WENDERS, 2013, p. 57), respeitando sempre a autonomia dos lugares, pois são eles que nos formam.



A partir destas concepções, desenvolvemos uma cartografia audiovisual através do caminhar sobre locais desconhecidos, com o objetivo de conhecer as verdadeiras “cores” do Mar Mediterrâneo. Como viajante, no conceito de Wenders, procuramos desvendar esse território, para além de suas fronteiras, deixando-se experimentar. “Essa é a grande diferença entre um turista e um viajante. O viajante realmente chega, vê, ouve e respeita; o turista sempre fica irremediavelmente em casa” (WENDERS, p. 61). Assim como para Youngblood, a ideia é que o audiovisual expandido desafie as fronteiras tradicionais do cinema e explore novas possibilidades de expressão artística e experiência sensorial. **Deslocamentos Possíveis** torna possível que o espectador trace uma rota pelo mapa sensorial produzido através das experiências captadas na obra. Indo além de um cinema convencional, de uma tela e de uma narrativa única, o mapa permite que o espectador sinta o “sentido de lugar” registrado pelos caminhos traçados.

“O nosso “sentido de lugar” é apenas um dos nossos sentidos, como cheirar, tocar, ouvir e assim por diante, mas é o primeiro que estamos todos prestes a perder na era da globalização. A maioria dos lugares no nosso planeta está começando a parecer cada vez mais semelhante; eles estão se tornando a mesma coisa. A menos que o preservemos diferentes. É o nosso sentido de lugar o que vai nos permitir isso”. (WENDERS, 2013, p. 60)

Cartografia audiovisual

A cartografia, a ciência e a arte de fazer mapas, passou por transformações notáveis ao longo dos séculos. Enquanto os mapas tradicionais dependem apenas da representação visual, a cartografia audiovisual enriquece nossa compreensão da informação geográfica ao incorporar elementos auditivos e visuais. Ao combinar a representação visual de mapas tradicionais com elementos de áudio, como paisagens sonoras, música, narração e ruídos ambientais, uma nova dimensão de compreensão é introduzida. Essa síntese de informações sensoriais cria uma experiência da narrativa espacial.

Propomos aqui uma cartografia audiovisual que fala de uma experiência artística de um mar, o mar do meio da terra, do Mediterrâneo. Um novo mar para nós, que nos trouxe muitos questionamentos, pensamentos assustadores, águas cristalinas, águas

salgadas, questões de imigração, mortes, preocupações com o aquecimento global e impactos ambientais.

Tendo o corpo como sensor, percebemos esse mar com a respiração, boca, pele, ouvidos, olhos e sentimentos. Além disso, utilizamos dados científicos, como salinidade, temperatura, condutividade e ph da água, para entender melhor a estética ambiental do local. A ciência cidadã e os medidores portáteis de baixa tecnologia geram meus dados artesanais e, aos poucos, crio uma narrativa audiovisual dessa percepção estética subjetiva do Mar Mediterrâneo. A seguir, descrevemos alguns pontos relevantes da cartografia audiovisual “Deslocamentos Possíveis”.

Deslocamentos Possíveis



Imagem 1 Print da tela inicial do Deslocamentos Possíveis. Url: <https://deslocamentos.ecoarte.info/>

Deslocamentos Possíveis é uma cartografia audiovisual de percursos para perceber o Mediterrâneo. São os movimentos do corpo neste novo território. O caminhar, remar, nadar, mergulhar e navegar fazem parte desta simbiose com o mar, suas marés e correntes.

Estes percursos foram o ponto inicial da ação artística proposta a repensar nossos modos de vida e subjetividade. Cada passo ou braçada remeteriam a pensamentos ou questionamentos sobre o território. O movimento começou no Delta do Ebro, passando por Malta, Valencia, Ceuta, Gibraltar, Ibiza, Formentera, Sardenha, Sicília e Chipre. Estes, foram os deslocamentos possíveis dentro de um mundo em



pandemia, com poucos recursos econômicos e solitário. As reflexões audiovisuais posteriores foram coletivas, editadas em grupo, mesclando diversos olhares e backgrounds culturais. A cartografia, navegada de forma linear (cronológica) ou não-linear, propõe uma desterritorialização e re-singularização do deslocamento artístico-político-ambiental.

A cartografia foi criada com diferentes plataformas de mapeamento. Usamos o StoryMap JS, o GPX Studio, OpenStreetMaps e o Mapbox. A ideia era criar um mapa com os percursos destes deslocamentos das expedições artísticas pelo mediterrâneo. Cada saída para percepção do mar foi gravada com gps para posteriormente criar este mapa. O foco na gravação do gpx foi nos percursos a pé, remando ou pedalando, embora tenha sido gravado alguns percursos de ônibus também. A ideia era usar o corpo o máximo possível como motor para estes deslocamentos. Quando não era possível, usamos transporte público como ônibus e barcos.

Os vídeos foram geolocalizados no StoryMap JS que já vem com alguns mapas de background pré-determinados. Como queríamos um mapa único, com os percursos desenhados, criamos o mapa de fundo no Mapbox, assim pudemos customizar melhor o mapa, pensar cores, detalhes e gpx tracks. Pela especificidade do Mapbox grátis e como tinha mais de 100 tracks de gpx, tivemos que usar o Gpx Studio para juntar 10 gpx de cada vez, criando um número menor de camadas no Mapbox. Todo o processo de mapeamento foi bem detalhado e pensada no decorrer da criação, o aprendizado das ferramentas veio pela necessidade da criação.

- O Caminhar em solitário

O caminhar em solitário foi parte da metodologia da expedição artística destes deslocamentos pelo Mar Mediterrâneo (BRUNET, 2023). Muitos dos vídeos da cartografia demonstram essa solidão, o vazio, o estar longe dos grandes centros e o contato direto com o mar.

Como Rebecca Solnit (2016) fala em “A História do Caminhar” sobre as restrições, diretas ou indiretas, impostas às mulheres ao ato de caminhar. Tanto historicamente era malvisto mulheres caminhando sozinhas, quanto hoje em dia mulheres tem medo



de caminharem sozinhas, especialmente pela noite, em diversos lugares do mundo. O flunar tem gênero, sexo e raça. As caminhadas de percepção do mediterrâneo foram feitas por uma mulher, e foram caminhadas em lugares vazios, alguns um tanto abandonados, em países desconhecidos e em solitário. Alguns vídeos como **Polis e os Banhos de Afrodite**, **O Vento em Modello**, **Por Poetto**, e **Ceuta, uma cidade na África** demonstram este caminhar solitário para perceber o lugar.

As imagens apresentam um caminhar solitário, uma conexão com o espaço, de um “estar” presente nestes lugares. São *errâncias* como a proposta por Careri (2016, p.32) onde o caminhar funciona “como um instrumento estético capaz de descrever e modificar os espaços”. O caminhar aqui é o fio condutor do audiovisual, é uma narração em imagens, sons e vozes.

A errância construída produz novos territórios a ser explorados, novos espaços a ser habitados, novas rotas a ser percorridas. Como fora anunciado pelos letristas, o andar sem rumo levará ‘à construção consciente e coletiva de uma nova cultura’. (CARERI, 2016, p.97)

São percursos criados ao acaso, em busca de experiências nestas paisagens distantes onde o ato de caminhar conduz a uma estética ambiental. O vento, o mar, a solidão, o verde, as ruínas e as algas arquitetam uma paisagem construída pelo corpo em movimento.

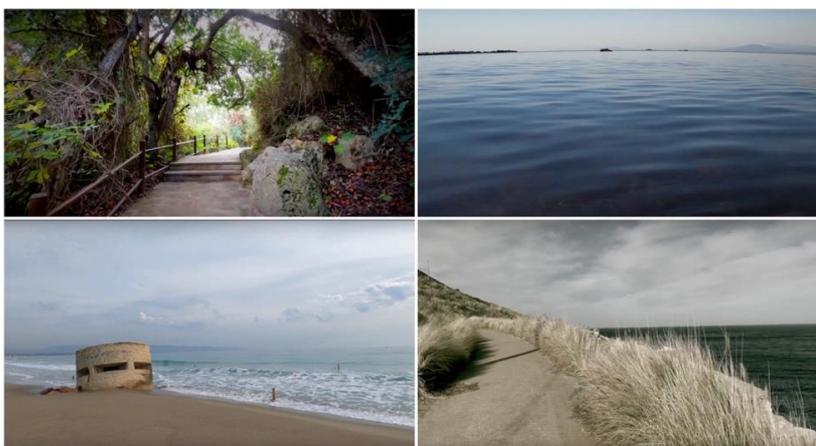


Imagem 2. Prints de tela dos vídeos: **Polis e os Banhos de Afrodite**, **Ceuta, uma cidade na África**, **Por Poetto**, e **O Vento em Modello**,

- Os dados e a ciência cidadã pessoal

O vídeo **Dados Corporais** utiliza de dados científicos do mar como a salinidade, o ph e a temperatura, coletados durante a trajetória pelo mediterrâneo e transformados em



animações. Com esses dados foram realizadas visualizações que ilustram o estado de cada medidor durante as coletas de ciência cidadã, usando o corpo como parte estendida dos medidores digitais portáteis. A visualização da salinidade representa graficamente as medidas de salinidade coletadas em quadrados, que variam de tamanho de acordo com o número do dado. Os quadrados estão divididos em quatro blocos que unem as regiões mais próximas. A visualização do ph foi realizada utilizando-se da escala convencional de ph, que varia de 0 a 14, sendo o vermelho, o mais ácido e o mais azul, o mais básico.

A visualização da temperatura foi feita baseada do gradiente de cores que varia de um azul escuro, representando a menor temperatura sentida (15°C), até um vermelho escuro, representando a maior temperatura sentida (30.9°C). Esta visualização ilustra a temperatura do ambiente experimentada no momento da coleta utilizando uma forma que dá ideia de agitação térmica por se tratar de uma representação gráfica de temperatura. Foi desenhada sobre a localização geográfica das coletas no mapa do Mediterrâneo, de forma longitudinal, começando por Ceuta e terminando no Chipre. No fundo do vídeo foram utilizados dois vídeos submersos gravados em Malta. A escolha de Malta se deu pelo seu papel crucial no mediterrâneo devido à sua localização estratégica e influência histórica. Situada no Mediterrâneo Central, a ilha serve como uma conexão vital entre a Europa, o Norte da África e o Oriente Médio. Ao longo da história, desempenhou um papel essencial no desenvolvimento econômico e cultural da região. Além disso, como membro da União Europeia, está incluso nas discussões e decisões relacionadas à segurança, migração e conservação ambiental deste mar. Por estar no coração do mediterrâneo, e desempenhar funções de importância, foi escolhido para carregar as visualizações feitas durante toda a jornada pelo mar.

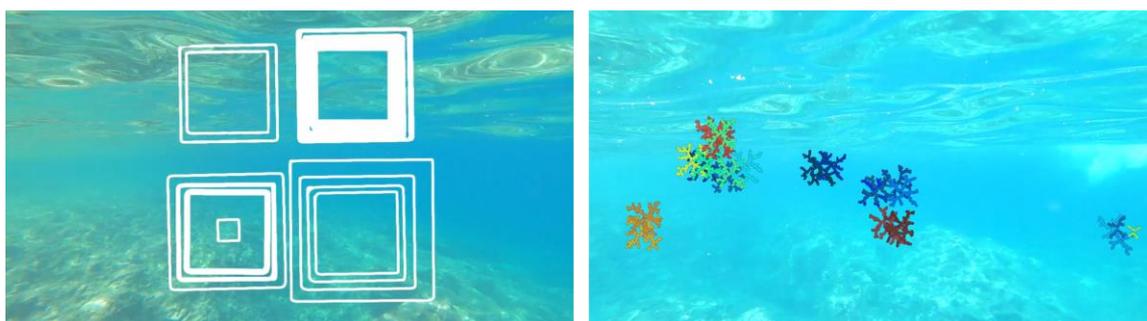


Imagem 3 Prints da salinidade e temperatura do vídeo Dados Corporais.



- Migrações e refugiados

Um dos temas primordiais do Mar Mediterrâneo é a questão das migrações e o número assustador de refugiados que morrem tentando cruzar este mar. No mapa, alguns vídeos falam sobre esta temática – o **2043**, o **Travessia**, o **Nas Alturas**. O 2043 retrata o número de migrantes mortos ou desaparecidos no mar Mediterrâneo em 2021¹. Ao visitar a Sicília, na Itália, durante a expedição artística, ouvimos no noticiário que um barco de resgate havia chegado com centenas de imigrantes na ilha. E, infelizmente, sobre os 28 mortos encontrados naqueles dias. Naquele mês de dezembro, em um único dia, foram 102 óbitos, 18 eram crianças. E foram resgatadas 920 pessoas no mar daquela região, somente no intervalo entre o Natal e o Ano Novo. É triste imaginar o que faz as pessoas deixarem seu país, família, amigos para arriscar suas vidas em busca da sobrevivência.

No dia seguinte ao ouvirmos as notícias, numa praia de Catania, avistamos roupas, sapatos e brinquedos pela areia e flutuando no mar. Era impossível não pensar naquelas pessoas do noticiário. Pensar sobre aqueles que tentam atravessar o Mar em busca de uma vida melhor, em busca de formas de sustentar suas famílias e sobreviver. Em busca de esperança. Todos os anos, muitos perdem a vida nesta travessia. Este pequeno vídeo *in memoriam* daqueles que perderam a vida em 2021 traz essa reflexão para a cartografia.

O que separa duas realidades, dois mundos são apenas 15 km pelo Estreito de Gibraltar, um canal marítimo que separa África e Europa. Na **Travessia**, somos apresentados a um vídeo um tanto perturbador, que faz menção a uma rota utilizada por imigrantes da África que procuram uma melhor condição de vida na Europa. No vídeo seguimos uma rota em que diversas pessoas perderam suas vidas a procura de uma existência digna. Durante o vídeo ouvimos sussurros de vozes indagando sobre quando chegarão a terra, o vídeo procura transmitir a sensação de incomodo ao passar por um lugar de transição, de uma travessia noturna, escura, sombria.

O **Nas Alturas** retrata o Mediterrâneo Central de forma mais subjetiva, mostrando sua beleza visto de cima. Fala de como este mar parece pacífico e tranquilo quando visto de um avião. Apresenta um mar azul lindo, águas cristalinas e paz. Em contrapartida,



a narração faz lembrar que esta região do Mediterrâneo é onde acontece o maior número de mortos, é onde o mar é menos pacífico, menos alegre. É um mar de luta pela sobrevivência.

- Nós Mulheres

Um ponto importante nestes deslocamentos no Mediterrâneo foi o ponto de vista de uma mulher sobre este mar, sobre um lugar masculino, dominado por homens. Dois vídeos trazem este tema, o **Dragon Boat** e o **Mulher e o Mar**

O vídeo **Dragon Boat** resume a convivência com um grupo de mulheres que tiveram, ou têm, câncer, e através do remo se unem, juntando forças e dividindo suas alegrias e tristezas. Neste retrato curto da essência do projeto destas remadoras somos levados a nos questionar sobre assuntos como saúde, mar e gênero. De acordo com o *Environ Health Perspect* (2017) as “ofertas de contato da natureza prometem tanto como prevenção quanto como tratamento ao longo da vida”, justificando a escolha delas se aproximarem do mar. Muitas delas falam que anteriormente não tinham contato direto com o mar, e como esse convívio mudou suas vidas, fazendo-as encontrar companheirismo e força em outras mulheres em situação semelhante, e num contato íntimo com a baía de sua cidade.

Sobre a questão de gênero, observamos no espírito dessas mulheres como elas amam o mar, e a conexão que ele gera em suas vidas, entretanto a indústria marítima pensa de forma antiquada, e ainda procura distinguir e problematizar o feminino. Envoltas de preconceito e machismo, há aqueles que acreditam que o mar é dos homens, e infelizmente essa ideologia unida a predominância de homens no mar dificulta a entrada e evolução de mulheres neste campo. De acordo com Aggrey (2000, p. 13) “um problema comum enfrentado pelas mulheres é o assédio sexual, que faz com que algumas mulheres vivam isoladas a bordo e outras abandonem a carreira”, a autora ainda informa que em sua pesquisa mais de 80% dos questionários respondidos por mulheres fizeram menção a assédio de alguma forma. Em seu artigo “Women in the maritime industry: a review of female participation and their role in Maritime Education and Training in the 21st century”², Aggrey (2000) informa possíveis soluções para apoiar a participação de mais mulheres na indústria marítima, que será

benéfica para a sociedade como um todo, e uma dessas mudanças se encontra na forma de pensar da sociedade.

There is the need for education and training to encourage females into this industry and change the human perspective that the maritime industry is a job for men only. Education does not only involve the provision of knowledge but also a change in attitude. (AGGREY, 2000, p. 2)³

Em **Mulher e o Mar**, uma narração subjetiva questiona o lugar da mulher no ambiente marítimo, especialmente falta de mulheres nas tripulações dos navios. O texto conta a discussão com o capitão de um navio de resgate e a opinião dele que mulher é problema para a tripulação. A artista esteve anteriormente embarcada com a Marinha Brasileira por quase dois meses na Antártica. Na ocasião, a tripulação tinha mais de 100 homens e somente duas mulheres – a médica e a dentista a bordo. E ao chegar no navio de resgate e indagar sobre as mulheres na tripulação, soube que o número era zero, então trouxe a temática em discussão com o capitão. Percebe-se que a conversa não foi tranquila, foi difícil de “engolir”.

O vídeo tem um tom nostálgico e de indignação ao mesmo tempo. A nostalgia é de um lugar que não existe, de um lugar onde as mulheres teriam a mesma condição de embarque e oportunidades no mar. A indignação é de se passaram séculos desde as grandes navegações e ainda não conseguimos ter uma paridade de gênero no mar.

- Lixo no Mar



Imagem 4 Print do vídeo *Porto Arenella e o lixo* no *Deslocamentos Possíveis*.



Nos percursos realizados nas expedições artísticas foi possível observar a quantidade de lixo no mar. **Porto Arenella e o lixo** é o vídeo que mais expõe esta realidade, inclusive em seu título. Nele, podemos observar a quantidade de lixo depositado no fundo do mar, peixes mortos, e águas-vivas nadando nesse meio. Requena e Blaco (2014, p. 208) expõe que “o acúmulo de grandes quantidades de resíduos plásticos e microplásticos no Mar Mediterrâneo, mesmo em águas remotas, foi identificado como outro problema grave nas últimas décadas”. Os autores também informam que o Mar Mediterrâneo tem uma capacidade de purificação muito limitada, uma vez que a renovação das suas águas necessita de períodos bastante longos para se completar. A detenção de certos compostos químicos e muitos metais pesados acumulam-se perigosamente no mar e nos organismos que o habitam. Afetando até a saúde humana quando certos peixes e outros frutos do mar são consumidos (2014, p. 204).

- Portos

Uma parte dos deslocamentos pelo Mediterrâneo foram próximos de portos, tanto pequenos como portos de pescadores quanto enormes edificações portuárias comerciais como em Valencia, Palermo e Catania.



Imagem 5 Print do vídeo **Uma desembocadura que não existe** no *Deslocamentos Possíveis*.

O vídeo **Uma desembocadura que não existe** é a busca pelo local onde o rio Túria – em Valencia, Espanha – desembocaria no mar. O percurso feito de bicicleta pública e ônibus passa pelo bairro Natzaret, um antigo bairro de pescadores da cidade. Na espera pelo ônibus, surgem questões de como os portos destroem a vida de um bairro que antes tinha acesso ao mar e agora tem muralhas de uma zona portuária. O bairro



parecia morto, abandonado, sem vida... Uma analogia ao rio transposto que morre antes de chegar ao mar, o bairro de rio transposto também não chega mais no mar.

No vídeo **Porto de Catania**, sente-se uma pequenez humana diante dos grandes portos e embarcações. Com transições entre uma grande nave de metal, e imagens do cotidiano ao redor, o vídeo cria uma crítica entre o pequeno e o grande, entre as grandes corporações marítimas e os pequenos barcos de pesca. No grande navio, não há humanidade, não há indivíduo, ali jaz o metal, o consumo, a necessidade de lucrar e a exploração. Por outro lado, vemos pescadores artesanais ao longo da produção, infelizmente o futuro dos “homens e mulheres que conhecem os segredos mais íntimos do mar está ameaçado pelas práticas pesqueiras descuidadas de algumas frotas” (REQUENA; BLACO, 2014, p. 224). O livro “Mar Morto”, de Jorge Amado (2012), também crítica os grandes portos. Seguindo Guma, um jovem trabalhador portuário que sonha em se tornar marinheiro e se aventurar pelo mundo, mas que acaba se deparando com uma vida precária, com a falta de oportunidades, opressão dos patrões e de exploração econômica dos trabalhadores dos grandes portos. Como fala Amado (2012, p. 19) “ o mar é instável. Como ele é a vida dos homens dos saveiros”. Em **Porto di Catania** somos apresentados ao mesmo porto sobre diferentes perspectivas.

Consideração

A cartografia audiovisual **Deslocamentos Possíveis** tem a errância e o movimento do corpo como *modus operandi* da construção do mapa. Um mapa baseado na caminhada, no remo, no mergulho, no percurso. Os movimentos do corpo no espaço gravados desenham as linhas destes percursos no mapa. O percurso se traduz numa forma estética de produção de espaço, de um mapeamento.

Mapping is a process that takes place every time a map of any kind is created – a drawing scribbled on the back of an envelope, a sequence of places or events etched in one's memory, an itinerary generated on the fly by an online route-finding service, or a projection prepared by a team of professional cartographers. (O’rourke, 2016, p xviii)

Este mapeamento criado em **Deslocamentos Possíveis** nos leva a perceber o Mar Mediterrâneo de uma forma subjetiva. Remete a questões universais como as



migrações, aquecimento global, gênero, urbanismo e ao mesmo tempo, nos mostra um ponto de vista peculiar e introspectivo, deixando espaço aberto para narrativas não contadas.

A obra **Deslocamentos Possíveis** foi realizada através da experimentação de se abrir e ir de encontro a esse novo mar, a este território desconhecido, a ser explorado. De acordo com Bondía (2002, p. 28) “a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, [...] mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem 'pré-ver' nem 'pré-dizer’”. **Deslocamentos Possíveis** traz acontecimentos que marcaram as expedições artísticas pelo Mar Mediterrâneo. O projeto só foi possível por conta dos registros de campo e pelas vivências que se transformam em uma obra audiovisual para além das fronteiras convencionais. Como fala Bondía (2002), é necessário parar para sentir a deriva do momento e realmente experimentar. Em um mundo bombardeado de informações, em que nos tornamos sujeitos ultra-informados, sempre em atividade, acabamos em uma vida robótica, onde não paramos e olharmos a volta, portanto nada nos acontece. Há quem passeia no bosque e aprecie o aroma da mata, o vento no rosto e a beleza da natureza, por outro lado, "há quem passe pelo bosque e só veja lenha para a fogueira" (TOLSTÓI, 2010).

Referências

AGGREY, Hannah Aba, "Women in the maritime industry: a review of female participation and their role in Maritime Education and Training in the 21st century" (2000). World Maritime University Dissertations. 383. http://commons.wmu.se/all_dissertations/383

AMADO, Jorge. Mar morto. Prefácio Ana Maria Machado. – 1ªed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, v. 41, n. 19, p. 20–28, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>

BRUNET, Karla. Arte e ciência: uma metodologia de expedição artística de percepção do mar mediterrâneo. *Revista Poiésis*, v. 24, n. 42, p. 55–70, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/poiesis/article/view/59031>>.



CARERI, Francesco. *Walkscapes - o Caminhar Como Prática Estética*. São Paulo: G. Gili, 2016.

COSTA, Maria Luiza Calim de Carvalho. *O Mapa De Ponta-Cabeça*. 2011, São Paulo: WCCA, 2011. p. 193–197.

FRUMKIN H, BRATMAN GN, BRESLOW SJ, COCHRAN B, KAHN PH Jr, LAWLER JJ, LEVIN PS, TANDON PS, VARANASI U, WOLF KL, WOOD SA. Nature Contact and Human Health: A Research Agenda. *Environ Health Perspect*. 2017 Jul 31;125(7):075001. doi: 10.1289/EHP1663. PMID: 28796634; PMCID: PMC5744722.

HARMON, Katharine A. *You are here: personal geographies and other maps of the imagination*. 1st. ed. New York: Princeton Architectural Press, 2004.

O'ROURKE, Karen. *Walking and Mapping. Artists as Cartographers*. Cambridge, Massachusetts, London, England: MIT Press, 2016.

PAGLEN, Trevor. *Experimental Geography: From Cultural Production to the Production of Space*. In: THOMPSON, NATO (Org.). *Experimental geography*. New York: Melville House; Independent Curators International, 2008.

SOLNIT, Rebecca. *A História do Caminhar*. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

TOLSTÓI, Liev. *Guerra e Paz*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WENDERS, Wim. *Cinema além das fronteiras*. In: MACHADO, CASSIANO ELEK (Org.). *Pensar a Cultura*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.

YOUNGBLOOD, Gene. *Expanded Cinema*. New York: P. Dutton & Co., 2007.

Notas

¹ Dados do Missing Migrants Project acessado em janeiro de 2022.
URL: <https://missingmigrants.iom.int/>

² Tradução livre: Mulheres na indústria marítima: uma revisão da participação feminina e seu papel na Educação e Formação Marítima no século XXI

³ Tradução livre: Existe a necessidade de educação e treinamento para encorajar as mulheres nesta indústria e mudar a perspectiva humana de que a indústria marítima é um trabalho apenas para homens. A educação não envolve apenas a transmissão de conhecimento, mas também uma mudança de atitude.